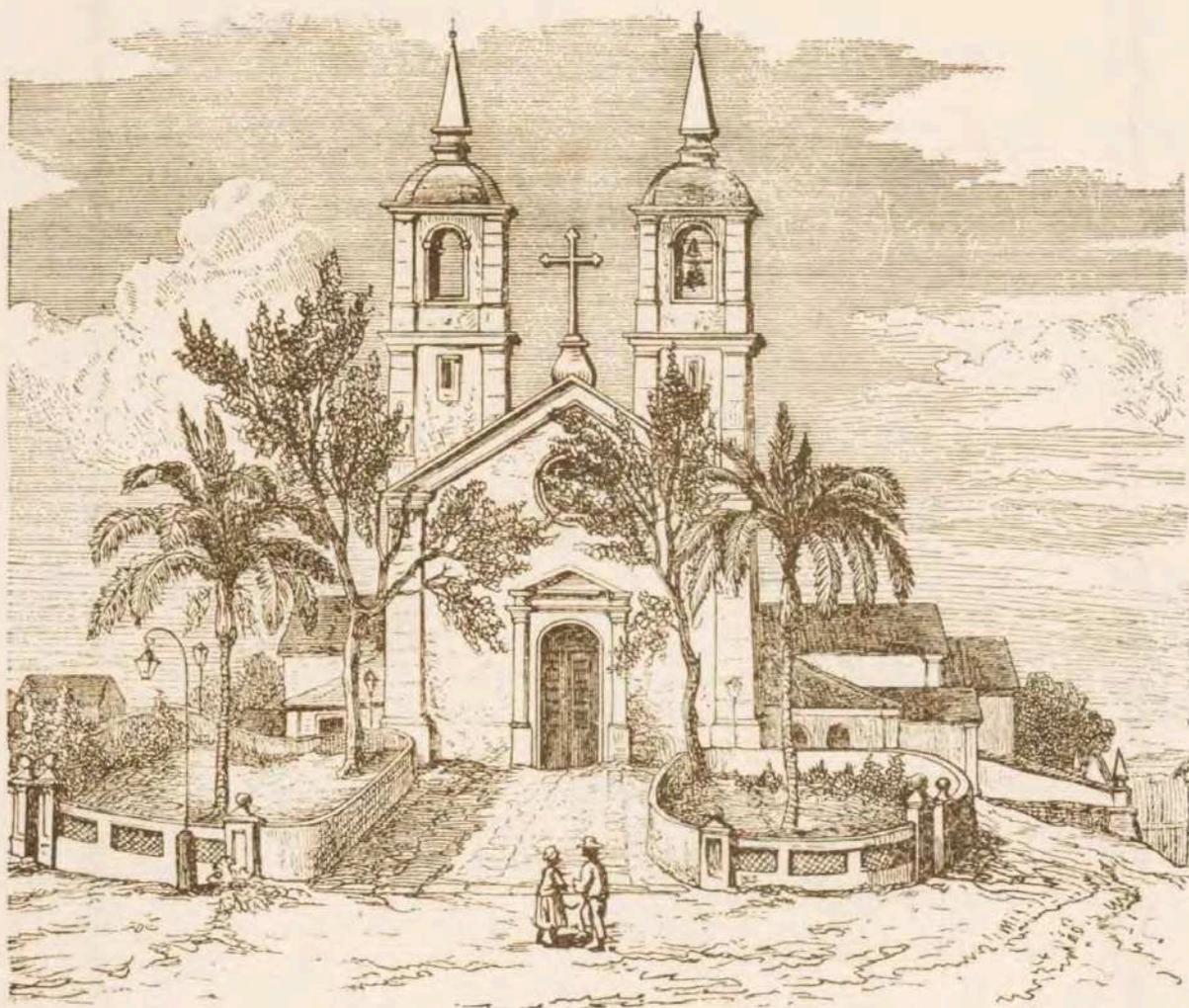


TAXA PAGA



Blumenau em cadernos

TOMO XIV ★ JUNHO DE 1973 ★ Nº. 6

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças
à generosa contribuição dos seguintes
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

Armen Mamigonian - Presidente Prudente S.P.

Blumenau

em Ladernos

TOMO XIV

Junho de 1973

Nº. 6

AS VISITAS DO CONDE D'EU A SANTA CATARINA

A. A. DA LUZ

«I»

Quando, durante a guerra do Paraguai, o Imperador D. Pedro II deslocou-se da Corte para a sitiada cidade gaúcha de Uruguaiana, ocupada, então, pelo inimigo, foi acompanhado pelo seu genro, o Conde d'Eu, casado com a herdeira do trono, a Princesa Isabel. Nesta viagem, tanto na ida, como na volta, estes ilustres personagens tocaram no Desterro, capital da Província de Santa Catarina.

Dessa viagem temos o testemunho e o relato feito pelo Conde d'Eu no seu livro: «Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (agosto a novembro de 1865) (1) Refere o Conde que saíram do Rio a 1-6-65 no vapor «Santa Maria», fretado (caro) ao governo pela Companhia de Navegação de Santos. No dia 3: «Passou-se a noite lentamente a bordejar no mar alto e agitado, e de manhã só se viam, ainda muito vagamente, as montanhas da Província de Sta. Catarina, em voltas em brumas... Pelas 11 horas pudemos distinguir a terra firme das ilhas Deserta e Arvoredo... Moleques do Norte». «Já estávamos no vasto canal que separa esta Ilha (Santa Catarina) do continente. «Enquanto a entrada do canal, que já passamos, se vai aparentemente estreitando, por efeito da distância, esta me faz lembrar com a paisagem mais análoga à que estou vendo: e o céu agora acizentado concorre para essa aproximação - o lago Killarney na Irlanda. É lindo; é uma vasta superfície de água, cercada de montanhas de graciosos contornos». «Paramos para tomar piloto diante do Forte desmantelado de Santa Cruz, situado em um ilhote chamado «Anhatomirim». «Puzemo-nos outra vez em marcha... continuamos a aproximar-nos da ponta de terra sobre a qual está assente a cidade de Desterro... Cerca das 2 horas e meia fundeamos no porto, onde se acham, além de alguns navios de vela, dois vapores: o «São Paulo», que vai partir para o Rio

Grande e que já está carregado de tropa e o «D. Pedro II», que se encontra em concerto.. «Ainda o escaler que foi à terra não voltou com notícias quando chega o vice-Presidente da Província, que está exercendo as funções de Presidente, e as outras autoridades do costume». «O São Paulo» transporta para Porto Alegre dois batalhões de Voluntários, um do Piauí, o outro do Paraná e da Província de Santa Catarina, que é o 25º dos Voluntários da Pátria». «Fica assentado com as autoridades que sem demora nos mandarão carvão e água, de sorte que possamos partir às 10 horas da noite; resolvo aproveitar o resto do dia para visitar a cidade e as tropas que nela se encontram neste momento. O Desterro é com efeito, atualmente um depósito onde os vapores, que, em razão de demandarem muita água, não podem entrar no Rio Grande, como por exemplo o «Oyapock», deixam os contingentes do norte, sendo estes depois transportados para Porto Alegre por vapores menores» (Raras vezes succede, segundo me informam, que um batalhão tenha de esperar no Desterro mais de dois dias).

E continua o Príncipe a descrever a cidade e a informar... «O ponto central da cidade. . Largo do Palácio... Na parte inferior há um mercado fechado como os do Rio e da Bahia, porém menor. De ambos os lados há edifícios regulares, todos caiados de branco, entre eles a Secretaria da Polícia, uma espécie de arsenal, atualmente transformado em quartel, e por fim o palácio da Presidência. O lado superior da praça é fechado por uma igreja, diante da qual plantaram duas palmeiras que parecem custar muito a viver. O resto da cidade é formado de ruas estreitas, mas bem alinhadas, e que se cortam em ângulos retos, algumas tão bem calçadas como a rua do Ouvidor no Rio de Janeiro... As casas tem bom aspecto, mas, a não ser na praça grande, só tem térreo. As ruas parecem desertas e o aspecto geral é mais de uma vila que de uma capital de Província. É isto mais sensível na parte adjacente à linha da costa, onde não há cáis, mas tão somente a praia de areia fina. «Não vejo na cidade nenhuma carruagem. A população, segundo diz o Presidente é de 12.000 almas. A pedido do Presidente, entro um instante no Palácio, onde comparecem outras autoridades e o vice-cônsul da França, suíço chegado ao Brasil há 33 anos para fundar uma colônia que, segundo creio, se malogrou. Tem agora os seus dois filhos nas tropas que já se encontram no sul. Depois de ter entrado na vizinha igreja, passo ao quartel que fica fronteiro. Contem atualmente o 28º Batalhão dos Voluntários da Pátria, que foi aqui formado de contingentes de diferentes províncias, mas principalmente do norte. Estão aqui demorados. porque ainda lhes não deram armamento...» «Têm esses voluntários, como todos, dois uniformes: blusa de lã azul-clara, apenas apertada na cinta, e farda com botões de metal amarelo, lisos. Mas esta farda, que nós do Pará, por exemplo, é azul-clara, nestes é verde. A cobertura da cabeça também difere... neste, oficiais e soldados usam um grande chapéu de feltro preto, de abas largas, uma das quais pode levantar... Com esses chapéus de aba levantava e o casaco verde, é muito marcial o aspecto dos oficiais deste batalhão». «...poucos oficiais moços... têm quase todos a barba grisalha (no exército brasileiro o regulamento manda usar barba toda). O Tenente-coronel comandante tem o cabelo todo branco. Este batalhão usava calça branca, cousa que eu ainda não vira... me parece pouco própria

para a atual estação».

«Deste quartel improvisado passei ao antigo. É um grande edifício; uma das alas está, neste momento, desocupado; na outra ala acha-se instalado o hospital militar (atualmente com 193 doentes - entre 23 e 18 anos de idade em leitos de ferro, excessivamente acumulados numa série de pequenas salas)». E passa o Conde a informar que a mortalidade agora é de 9 por cento por causa da varíola (os variolosos se acham em outro estabelecimento fora da cidade) e de febre catarral (a maior



Sua Alteza o Conde d'Eu, esposo da Princesa Isabel e comandante-em-chefe das Forças Brasileiras em operações na Guerra do Paraguai.

parte já vem doente do norte); há quatro médicos para atender os militares, sendo que um só para variolosos. O Hospital de Caridade também recebe até 35 militares. (O provedor, nesta época é o sr. Gama Rosa, oficial reformado da marinha). O teatro foi transformado em quartel para a Guarda Nacional da Paraíba (300 homens), sendo tudo, palco, platéia, etc., ocupado: os soldados que já estão há um mes aqui, dormem no chão (no outro tinham camas de tábuas). Para não melindrar o orgulho local dos Catarinenses tive de ir a praia de Fora... É ali que se encontram as casas mais elegantes da cidade. Quando voltei ao Palácio encontrei formada parte da Guarda Nacional da Paraíba. Os outros soldados tinham bom aspecto e estavam bem alinhados; pareceram-me quase todos mulatos. Tinham chapéu de feltro e blusa azuis com patilhas escarlates nos ombros os oficiais tinham quêpi...» «...li os jornais da cidade, que nenhuma notícia me deram (pois nenhum é diário), bebi uma taça de champanhe para fazer honra ao refresco improvisado pelo Presidente e voltei para bordo cerca das 8 horas e meia. Estava a noite admiravelmente serena. A 4 saímos do porto do Desterro pouco depois da meia noite». (Por este relato vemos que o Imperador desta vez não desceu á terra).

Depois da rendição de Uruguaiana, na volta para o Rio, embarcados no vapor «Gerente» (da Companhia de Paquetes Brasileiros a Vapor, gratuitamente cedido ao governo) saem da cidade do Rio Grande; todos enjoam a bordo porque o navio balança muito... Às 7 horas da tarde de 5-11-65 entram no Canal de Santa Catarina; às 9 e meia da noite, escura, desembarcam no Desterro, surpreendendo a todos. «O Presidente da Província vem encontrar o Imperador já a meio caminho do Palácio; a Câmara Municipal nem chega a aparecer para proferir a sua alocução. Tanto melhor!»

«Quem vem do Rio de Janeiro não dá grande apreço à paisagem do Desterro; mas quando se volta do Rio Grande, parece um paraíso terrestre». «No dia 6, ao meio dia, «Te-Deum» que teve o mérito de não ser longo. Depois visita à Guarnição. O que ela tem de mais brilhante é uma companhia de artilharia da Guarda Nacional que manobra muito bem seus canhões de 4. Compreende também um destacamento da Guarda Nacional da Província de São Paulo, que aqui está perdido... um batalhão de Voluntários que no Desterro acaba de organizar-se. Uma companhia deste batalhão é inteiramente formada de alemães e comandada por um oficial que tem a medalha de Holstein».

«O Presidente da Província que tomou posse depois da minha primeira passagem é o sr. Adolfo de Barros Cavalcanti, natural de Pernambuco. É moço de trato muito fino». «De tarde fomos dar um delicioso passeio a cavalo através da Ilha até à enseada chamada «Saco dos Limões». À noite saímos a pé a ver as iluminações (Vemos que o povo às pressas enfeitou as ruas).

«A mais notável das decorações é a do Arco de Triunfo levantado pela Municipalidade. De um lado vêm-se pintadas as tres bandeiras aliadas, com a bandeira paraguaia derrubada aos pés delas e a data de 18 de setembro; do outro lado a bandeira brasileira unida à inglesa e a data de 23 de setembro (dia em que o imperador recebeu em Uruguaiana o sr. Thornton)». «Depois apareceu no Palácio um grupo de meninas vestidas de branco com fitas das cores nacionais e das dos nossos aliados, empunhando as bandeiras das tres nações. Acompanhados por alguns cavalheiros e sob a direção de um regente de orquestra que, pelo enorme colarinho e pelo olhar inflamado de santo entusiasmo musical facilmente se reconhecia ser alemão, as meninas cantaram um hino de que não fui capaz de entender senão este estribilho, que se repetia muitas vezes: «Viva o herói de Uruguaiana, o Senhor Dom Pedro Segundo». A 7 de Novembro, às 3 horas da tarde, embarque para o Rio. Até aqui o relato do Conde d'Eu.

1) - «Viagem Militar ao Rio Grande do Sul», Conde d'Eu, Coleção Brasileira, Vol. 61 (1936)



Bodes irreverentes. O jornal «Novidades», de Itajaí, em seu número 4, de 26 de junho de 1904, publicou a seguinte curiosa notícia: «Queixam-se os zeladores da igreja matriz de que as portas do nosso único templo de dia não podem estar abertas por causa de uns bodes que andam soltos e que ao menor descuido ali entram, sujando, trepando onde é possível trepar e chegando até, como já aconteceu, a quebrar vasos. Parece-nos que essa reclamação é com os fiscais da Intendência». Teriam os fiscais tomado alguma providência contra os devotos caprinos?

A CAMPANHA DO CONTESTADO

O Manifesto Monarquista

CARLOS GAERTNER SOBRINHO



O Monge José Maria

O jornal «O Estado de São Paulo» de 3 de dezembro de 1972, na sua reportagem sobre a Campanha do Contestado, transcreve o Manifesto supostamente assinado por Manoel Alves de Assunção Rocha, hipoteticamente aclamado «Imperador Constitucional do Império Sul Brasileiro».

Conheci Assunção Rocha, proprietário de uma fazendola na subida da serra, pela estrada de casco de mula que então ligava a Estação Rio Caçador ao arraial de Perdizes Grandes ou São Sebastião da Boa Vista, hoje São Sebastião do Sul, distrito do município de Lebon Régis. Canheci também a velha trilha tendo-a per-lustrado, em 1919, em

companhia do Doutor Mario Teixeira Carrilho, nomeado Juiz de Direito de Curitiba, que procurava alcançar sua comarca pelo caminho menos fatigante.

Transcrito o Manifesto, excluíram os repórteres a possibilidade autoral de Assunção Rocha, velho fazendeiro analfabeto. Citam a opinião de Demerval Peixoto que o atribuiu a Antônio Tavares, homem instruído, com verve poética, e que fora Inspetor Escolar e Promotor na Vila de Canoinhas. A hipótese de Demerval Peixoto parece repousar na correspondência trocada entre Antonio Tavares e o Major Atalibio Taurino de Rezende. Mas os repórteres não compartilham dessa opinião, por versar o Manifesto sobre medidas de caráter social econômico bastante complexas.

Com pleno Conhecimento de causa, ratificando as afirmações do saudoso amigo, deputado e jornalista Cid. Gonzaga, testifico que o Manifesto, sob a forma de uma Carta-Aberta à Nação, foi escrito pelo negociante Guilherme Gaertner, na Estação Rio Caçador. Achava-se informado das intenções cada vez mais criminosas dos chefes de reduto, e já estava condenado à morte por seu compadre Euzebio Ferreira dos Santos por ter criticado o movimento que se processava sem uma razão ou finalidade, aparentando uma alucinação religiosa coletiva. Pesa bastante na redação o fato do General Carlos Frederico de Mesquita, após o ataque de Santo Antônio, em 19 de maio de 1914, ter dado por encerrada a atividade da sua expedição, devolvendo a tropa aos quartéis, com repercussão negativa em toda a região assolada, causando protestos e pedidos de garantias por parte da população pacífica. Redigiu então o Manifesto ao qual deu a mais larga publicidade enviando-o pelo correio às metrópoles. Sua finalidade era galvanizar a opinião pública e fixar a atenção do Governo Federal sobre o movimento armado. Ainda era de recente memória o drama de Canudos. Mas, sentindo-se sem garantias, fechou seu estabelecimento comercial, embalou sua mercadoria e transferiu-se para Porto União da Vitoria.

O doutor Urbano Vicente Gama Salles, Juiz de Direito em Curitiba, na página que escreveu para a pequena antologia «Nossa Terra e Nossa Gente», compilada por Coaracy Pires de Almeida (Curitiba, edição 1968, pag. 70), e o historiador Oswaldo Rodrigues Cabral na «História de Santa Catarina (Edição 1970. Vol. I, pag. 170), melhor informados, atribuíram a Guilherme Gaertner a redação do Manifesto, supondo-o, entretanto, escrito por encomenda dos sediciosos. Estes, profundamente ignorantes, sem qualquer assistência escolar, religiosa ou econômica, desamparados da justiça, párias da sociedade, insulados na penumbra das suas florestas quase impenetráveis, nada podiam saber sobre regimes e sistemas, e, ao vivarem a monarquia e os santos da sua devoção, acreditavam estar praticando um ritual mágico e pronunciando uma fórmula irresistível de proteção pessoal (Não é Deus um rei? «A monarquia é uma coisa do céu»). - Por isso não houve nenhum ato concreto, nem aclamação, nem coroação, nem simulacro de Amador Bueno, nem foi feito qualquer apelo aos pretendentes da Casa de Bragança. - Lutavam porque tinham sido atacados e o sangue pede sangue, e porque a fase aglutinadora, exclusivamente religiosa, senão ultrapassada, cedia pelo menos amplo lugar aos aproveitadores hipócritas e gananciosos, e aos foragidos homiziados, sequiosos de dar vazão aos seus instintos e recalques predatórios e sanguinários. - Guilherme Gaertner já estava condenado à morte. As mercadorias que vendera aos fanáticos tinham sido consideradas impuras e queimadas em autos-de-fé na praça pública. Racionalizaram, entretanto, alguma fórmula para justificar a pureza das armas, facões, rifles e revólveres que tinham o mesmo pecado original. Naquela época não havia quaisquer restrições para a venda de armas, e um rifle Winchester ou um revólver Smith & Vesson, com meio cento de balas, custava, na região, sessenta mil réis.

Nascido em 1870 em Taquara do Mundo Novo, Rio Grande do

Sul, era filho de um oficial prussiano de artilharia, comissionado para o Exército pelo Governo Imperial, e neto de Tristão José Monteiro, fundador daquela cidade.- Tomou parte na revolução federalista e, depois de Carovi, emigrou para o Norte. Fornecedor de gêneros nos seringais do Amazonas, mascate no rio São Francisco, com restaurante de luxo na Rua do Ouvidor, vai lentamente regressando aos pagos. Lá por 1900 chega a Porto União da Vitoria, termo da Comarca de Palmas, onde exerce o Tabelaionato, Cível e Anexos. Em 1906 rompe o sertão e vai estabelecer-se em Perdizes Grandes. Em 1910 transfere-se para o Quilometro 130 em Rio Caçador, e, adquirindo terras de Francisco Corrêa de Mello, muda-se para mais perto da Estação.- Suas aventuras no Amazonas foram aproveitadas pelo escritor Georg Knoll, Promotor Público em Curitiba, para um romance em língua alemã publicado pela Editora Rothermund, de São Leopoldo.

Foi ele também o autor do boletim «Morte de São João Maria de Agostinho», constante de «Contribuições para o Estudo do Fanatismo no Sertão Sul-Brasileiro», do Pe. Geraldo J. Pawels (Apud «João Maria» de Oswaldo R. Cabral, ed. 1960, pags. 141 a 142). Este boletim, não transcrito na sua íntegra, teve apenas finalidades políticas, sugerindo os nomes de Borges de Medeiros, Victor Konder e Clotario Portugal para Governadores dos tres Estados do Sul, e o de Assis Brasil para a presidência da República.

Assim, se não era homem de cultura, era pelo menos bastante lido, muito viajado e experiente, capacitado para a redação do Manifesto, com suas falhas e erros, inclusive na tendência separatista, resquícios da aventura de Gumercindo Saraiva.



Quando D. Luiz de Almeida Portugal, Marquês do Lavradio, Governador das capitâneas da Bahia e, depois, do Rio de Janeiro, chegou a Bahia em 1768, contou numa carta dirigida ao Conde do Prado, o seguinte com referência à recepção que ele lá teve: «Dei fundo neste porto a 18 de abril e veio logo a meu bordo toda essa imensidade de capitadores que costumam cercar e perseguir continuamente um miserável governador. E veio também o arcebispo e tão tonto que, entrando com o barrete na cabeça e fazendo-me assim os seus cumprimentos, entrou para a câmara e depois de perto de 3 quartos de hora de estar comigo e com as mais pessoas que ali se achavam, dando-lhe uma comichão na cabeça indo-se a coçar encontrou com o barrete que estava no mesmo lugar, donde imagino ele o tinha posto quando saíu de casa, e isto lhe fez grande novidade, voltando-se muito enfadado para os que estavam na casa, os repreendeu de lhe não terem dito que tinha o barrete na cabeça, para ele o tirar».....

Política e Políticos de Brusque de Antanho

AYRES GEVAERD

«II»

Conclusão

A 30 de agosto de 1891, na primeira eleição popular verificada em Brusque, elegeu-se Superintendente Municipal, Carlos Renaux com 57 votos, permanecendo a mesma Intendência e mais o cidadão João da Silva Mafra. No ano seguinte, 20 de Novembro, atendendo ao artigo 73 da Lei n.º 44 do mesmo ano, procedeu-se a eleição da Câmara para o quadriênio 1.1.1893 a 31.12.1896, que ficou assim constituída: Batista Rudolph, Cristiano Becker, Guilherme Krieger, João F. da Rocha e Nicolau Lauritzen.

No cargo de superintendente, além do titular, exerceu as funções o suplente Nicolau Gracher.

Adriano Schaefer foi o superintendente a seguir até 1898, quando foi eleito, a 13 de Novembro, Carlos Luiz Gevaerd. Não existem elementos seguros que atestem a permanência de Carlos Luiz Gevaerd no cargo durante todo o período. Nicolau Gracher e João Bauer, por exemplo, exerceram o mandato como substitutos legais, tendo o primeiro assinado com Carlos Renaux a 20 de setembro de 1900 contrato para instalação de pequena via férrea que partia da então barcaça, situada nas proximidades da atual ponte Irineu Bornhausen, até a Pomerânia, local da recém-fundada Fábrica Renaux. Nicolau Gracher faleceu em pleno exercício do cargo, sendo eleito para substituí-lo, por

quase um ano, Guilherme Krieger.

Carlos Kühne foi eleito a 7. 12.1902, assumindo a 7 de janeiro de 1903, várias vezes substituído por Guilherme Krieger, Nicolau Lauritzen e Guilherme Kormann. Carlos Kühne também faleceu no exercício da superintendência, substituído a 12 de julho de 1903 por Carlos Renaux já com o título de Tenente Coronel, exercendo ainda as funções em seu impedimento ocasional, Vicente Schaefer.

A 2 de dezembro de 1906, Guilherme Krieger foi novamente levado ao alto cargo que assumiu a 1.º de janeiro de 1907 e com ele o seguinte Conselho: João P. da Silva Mafra, Guilherme Rich Jr., Luiz de Marchi, Joaquim E. Regis, Carlos Renaux.

Guilherme Krieger foi reeleito por mais um período de 4 anos e, finalmente, a 2 de agosto de 1914, seu tradicional antagonista, Carlos Renaux, substituí-o, conseguindo 439 votos contra 208 de Guilherme Krieger. No próprio dia da posse o novo titular assinou ato designando para seus substitutos legais: 1.º Otto Renaux, 2.º Godofredo Mosimann e 3.º Guilherme Kormann e no dia 8 de Novembro de 1915 renunciou ao cargo, passando-o a seu filho Otto Renaux.

A liderança política em Brusque, no período compreendido entre 1890 a 1915, um quarto de

século, foi disputado pelos srs. Guilherme Krieger e Carlos Renaux.

Nesse tempo Guilherme Krieger possuía grande e movimentada casa comercial (atual prédio das Lojas Renaux), exportava produtos agrícolas para os mais importantes centros comerciais do País e importava, em regular escala, as mais variadas mercadorias da Alemanha. Carlos Renaux, por sua vez, desenvolvia em ritmo progressivo sua indústria textil. Como deputado estadual, ponto alto de sua carreira política, participou em 1891 da primeira Assembléia Constituinte Estadual. Ambos com destaque na Sociedade de então, notadamente no «Schützen Verein» no qual desempenharam por várias vezes as funções de presidente. Vale a pena registrar que era na tradicional festa de Páscoa do centenário Clube dos Atiradores, que durava 3 dias, que nossos ilustres homens públicos esqueciam, temporariamente, suas brigas políticas. Aliás, a confraternização, na famosa festa, era geral. Festa de âmbito municipal, durante pelo menos 75 anos, era reunião obrigatória das famílias de Brusque, destacadas e humildes.

Propus-me registrar algumas ocorrências verificadas na então vila de Brusque, visando destacar o grau a que chegaram os melindres sociais e políticos de nossos dois líderes, aos quais, cumpre notar, muito deve Brusque.

A solenidade da transmissão dos altos cargos da administração municipal, naqueles tempos, sem dúvida, era concorridíssima: autoridades, convidados especiais, Banda Concórdia, foguetes, passeata

pelas principais ruas da vila, terminando, como não podia deixar de ser, no Schütze Haus ou casa dos Atiradores.

Passados os primeiros dias de relativa calma, as flechas eram desfechadas mutuamente, com mais agressividade, ao que se pode concluir, da parte do sr. Tte. Cel. Carlos Renaux.

Até 1912, por falta de jornal local, as notícias eram geralmente publicadas no «O Novidades», além de outros, da Capital, Blumenau e Joinville: sociais, religiosas, políticas e oficiais.

No dia 22 de Novembro de 1905 inaugurou-se a ponte metálica «Vidal Ramos», acontecimento de extraordinário destaque, que contou com a presença do Cel. Pereira e Oliveira, representando o Governador do Estado e comitiva. Carlos Renanx proporcionou aos visitantes excursão pelo rio, a bordo da lancha «Selma», reconduzindo-os depois de encerrada a festa à cidade de Itajaí.

A ponte custou aos cofres públicos 45.292\$260.

No ano seguinte, 1906, faltava pagar aproximadamente 5.000\$000, que o então superintendente procurou cobrir, pelo menos parcialmente, com uma subscrição popular que sómente atingiu a 985\$500.

Guilherme Krieger recusando-se colaborar, deu motivo a seu antagonista, ainda no Poder, a fazer declaração pública através de «O Novidades» de 4.3.1906.

Relacionando, agradece às pessoas

que generosamente contribuíram para o resgate final da ponte, lamentando, todavia, que o sr. Guilherme Krieger, destacado comerciante, largamente conceituado, com casa matriz e filial, possuindo carroças e cavalos, aproveitando diariamente a facilíma comunicação, com nada contribuiu! Apesar do ataque direto e duro, Guilherme Krieger não reagiu, pelo menos oficial e publicamente. Certamente comentou o fato, irônicamente, esperando ocasião para um revide à altura.

Carlos Renaux passou o cargo no dia 1.º de janeiro de 1907 ao Cel. Guilherme Krieger. Poucos meses depois estampava «O Novidades» famosa «Carta política» dirigida a Sua Excia. o Sr. Cel. Superintendente Municipal, assinada pelo Tte. Cel. Carlos Renaux

No dia 30 de 1907, Brusque recebeu honrosa visita, minuciosamente descrita no jornal de Itajahy. Como não podia deixar de ser, tendo-se em conta as condições locais na época, Brusque, recém elevada à categoria de Município, com bases econômicas em formação, carência de estradas, desejosa de apresentar-se dignamente às personalidades e autoridades, que poderiam aquilatar a operosidade dos brusquenses, esmerou-se para receber os visitantes, engalanando a vila.

Da Capital do Estado, objetivando avaliar o valor estratégico da rede de estradas de rodagem da região do Vale do Itajaí, chegava a Brusque o General Marciano Botelho de Magalhães, acompanhado da seguinte comitiva: Tenente Firmino Borba, 2os. tenen-

tes Antônio Cavalcanti e Armandinho Jorge, aspirante Nilo Val, Major Hipólito Boiteux e Francisco Gotardi Primo. Foram recepcionados nas imediações da casa de negócio de José Rodolf, em Águas Claras, pelos srs. Cel. Guilherme Krieger, Tte. Cel. Carlos Renaux, João Bauer, Vigário Padre Moeller, Dr. Érico E. Torres — Juiz de Direito, Luiz J. Müller, Diogo da Luz, Max José Schumann — Comissário do 2.º Distrito de Terras, Major Vicente Schaefer, Capitão João Schaefer e outras pessoas, não indentificadas. Apresentou-se o Tte. Cel. Carlos Renaux como Comandante da Guarda Nacional de Brusque e o Superintendente Cel. Guilherme Krieger, em nome do Município, apresentou as saudações de praxe seguindo-se as apresentações pessoais. Formado o cortejo com 10 carros de mola, foi saudado por grande número de pessoas, com palmas e foguetes, ao chegar à ponte Vidal Ramos.

Na residência do Superintendente, ponto final da recepção, a Banda Musical «Concórdia» executou o Hino Nacional e antes peças de seu repertório.

Às 16 horas a comitiva visitou os Atiradores, sendo-lhes oferecido cerveja das fábricas locais, participando, em seguida, de uma prova de tiro ao alvo.

Em companhia dos coronéis Guilherme Krieger e Carlos Renaux, o General Marciano percorreu em carro de mola, as principais ruas da vila, enquanto os demais membros da comitiva permaneciam na sede dos Atiradores.

Às 18, horas, na residência

do superintendente foi oferecido fino banquete aos ilustres visitantes e convidados; às vinte horas, na residência do Cel. Carlos Renaux, nova reunião para uma xícara de chá. Finalmente, às 21 horas, realizou-se, ainda na sede da Soc. Atiradores baile de gala, abrilhantado pela Banda da Sociedade Musical Concórdia. No dia seguinte feitas as despedidas a comitiva seguiu para Blumenau, em carros de mola. Comenta ainda o jornal: Causou geral e agradável impressão o cavalheirismo dos srs. Coronéis Renaux e Krieger, oferecendo ambos as suas elegantes residências para hospitalidade do distinto General Marciano, irmão do inolvidável fundador da República, Benjamim Constant».

Mal os ilustres visitantes deixaram a vila, os mais desencontrados sentimentos, aparentemente encobertos, explodiram. Mais do que as questões pessoais e políticas, os brios das patentes da Guarda Nacional local, ficaram abalados.

Ilustramos os desentendimentos simplesmente transcrevendo as notas publicadas no jornal de Itajahy. «O Novidades» de 25 de agosto de 1907: Escreve-nos de Brusque o Sr. Cel. Krieger: «Ilmo. Snr. Redator do «Novidades». Tendo lido no vosso conceituado jornal de 11 do corrente a descrição da chegada do amigo General Marciano de Magalhães a este Município em 30 do passado, peço-vos a rectificação de tópico d'essa notícia onde houve um equívoco de vosso correspondente. Como coronel comandante que sou da Guarda Nacional n'esta Comarca de Brusque, não passei o comando ao sr. tenente coronel Carlos

Renaux, e, se o tivesse de fazer seria ao sr. tenente coronel Nicolau Lauritzen, pois sendo a nomeação de ambos de igual data, segundo a regra militar estabelecida para o caso, ao sr. tenente coronel Lauritzen cabia assumir o comando como mais velho, não sendo portanto exato que o sr. tenente coronel Renaux se apresentasse ao sr. General na posição de comandante superior interino que não lhe competia e nem lhe fôra delegado. Não é exato também que os srs. João Bauer, Vicente Schaefer e João Schaefer sejam presentemente coronel, major e capitão da Guarda Nacional como graciosamente os distingue o vosso correspondente. Com a publicação destas linhas muito penhorareis ao vosso constante leitor e amigo affectuoso. Brusque, 20 de agosto de 1907. Guilherme Krieger.

No número de 8 de setembro: «Amigo senhor Redator. No vosso estimado jornal de 28.8.1907 corrente, saiu um artigo assignado pelo sr. Guilherme Krieger, referindo se o mesmo também ao meu nome; por isso me vejo obrigado a dizer algumas palavras. Diz o mesmo snr. não ser exacto que o Srs. João Bauer, Vicente Schaefer e João Schaefer sejam presentemente Coronel, Major e Capitão. Não precisava o sr. Guilherme Krieger allegar tal facto, porque qualquer pessoa está ciente de que não ocupamos taes cargos. Todavia cumpre-me dizer que somos bastante capazes para ocupar tais postos e se a nossa querida Pátria um dia precisar da Guarda Nacional, saberemos manejar uma arma, nas suas fileiras. Brusque, 3 de setembro de 1907. Vicente Schaefer».

A questão passou estão à

Seção Livre do referido jornal levando as notas simples pseudônimos. Uma delas lamenta as ocorrências advertindo o sr. Guilherme Krieger: «fique o Sr. Krieger sabendo que a nomeação do geralmente estimado cavalheiro João Bauer é mais antiga do que a sua pois ella emanou do legendário Marechal de Ferro e a do sr. Krieger do sr. Prudente de Moraes». Um observador». Outra nota de «Um observador», contestando outra, de «Um intransigente»: «O público que julgue entre os chefes das duas facções políticas de Brusque e declaro a quem cabe a culpa de que neste lugar nunca, infelizmente, se poderá fazer política

de harmonia em pról do município e dos próprios chefes». Retrucou «Um intransigente» no número de 15 de Setembro, referindo-se à politica local, endereça-lhe a seguinte advertência «Quem tem telhado de vidro não jogue pedra no alheio».

As notas com os dois pseudônimos continuaram, já então mais duras, descobrindo defeitos administrativos e políticos, terminando abruptamente com a entrada de outro anônimo, mais ponderado, sugerindo as pazes das ilustres patentes de nossa honrada «Guarda Nacional».



A ponta sul da Ilha de Santa Catarina chama-se «Ponta dos Naufragados». Esse nome vem do fato de que em 1753, em cumprimento de ordens reais, muitos colonos açoritas foram mandados, em duas sumacas, para povoarem as costas do Rio Grande. Entretanto, ao sairem a barra sul, as duas sumacas foram batidas por forte temporal e naufragaram. Do naufrágio só conseguirem escapar com vida 77 pessoas. Uma parte destas não quiz mais voltar para Desterro (hoje Florianópolis) e preferiu estabelecer-se na freguesia de S. Anna, próxima de Laguna. Daí o nome que até hoje conserva a extremidade sul da Ilha de S. Catarina.



Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

(Reg. Min. Trabalho nº 3)

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº. 1895, de 15-12-72

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 12,00 —

Caixa Postal, 425 - 89 100 - Blumenau - Santa Catarina

O PRIMEIRO VIGARIO DE GASPAR

J. FERREIRA DA SILVA

A 21 de maio de 1867 ocorria um fato que teria significativa repercussão na Colônia Blumenau, já com 17 anos de vida.

Se as circunstâncias de tempo e de lugar em que Blumenau nasceu fossem as mesmas que rodearam o berço de Londrina, por exemplo, em 17 anos Blumenau poderia já estar uma grande cidade. Mas as condições eram outras. Além de Santa Catarina ser uma província pobre, economicamente falando, a população era pequena e quase nenhuns os meios de comunicação. Apenas o litoral prosperava porque os seus portos eram frequentados pelos poucos navios e vapores que faziam o



Padre Alberto Gattone

O Padre Francisco Gattone veio para o Vale do Itajaí em 1858, residindo em Belchior Baixo, na casa de Nicolau Deschamps até a criação da Freguesia de São Pedro de Gaspar quando passou a residir na casa paroquial ao lado da matriz, no mesmo local em que atualmente se eleva o belo templo da cidade de Gaspar. Sobre esse sacerdote já temos publicado vários artigos, além do que figura na presente edição. Veja-se, por exemplo, o artigo à pág. 133 do tomo VIII, de «Blumenau em Cadernos»:

serviço de cabotagem. As margens do Itajaí Açu, de uma certa distância da foz para cima, eram praticamente desabitadas. A única via de comunicação do povoado que o Dr. Blumenau fundara à margem do Garcia com os demais centros habitados da Província, era o rio.

Por isso e por outros motivos, Blumenau em 1867 era uma povoação ainda insignificante. O número de colonos católicos era muito diminuto.

Já dissemos, em outras crônicas, que antes da fundação de Blumenau em 1850, havia várias famílias de colonos estabelecidas, pelas margens do Itajaí, algumas delas de colonos alemães provindos da Colônia São Pedro de Alcântara, fundada em 1829. Estavam ali já havia alguns anos. Tinham casas relativamente confortáveis, plantações, galinhas, vacas e porcos. Estavam em situação bem boa para a época.

Esses colonos, em sua maioria, eram católicos. E, como católicos fervorosos trataram logo de construir uma pequena capela de palmitos, onde se reuniam aos domingos e dias santos para rezar e cantar e ouvir a leitura do evangelho, que lhes fazia Frederico Schramm, autor da idéia da construção da capela e fora, praticamente o seu construtor.

Essa capelinha, que era dedicada à Nossa Senhora da Conceição, era visitada, de longe em longe, pelo vigário de Joinville, o Padre Carlos, de abençoada memória. Este, vendo que a pequena comunidade tinha meios de se transformar em boa freguesia que reunisse os colonos não só de Belchior, mas também os de Pocinho, Poço Grande e até mesmo da Colônia Belga (como então era conhecida a atual Ilhota) prometeu a Schramm e a Nicolau Deschamps, outro colono muito interessado no progresso da religião, que lhes arranjará um padre efetivo. E assim realmente aconteceu. Em 1861 veio residir em Belchior, hospedando-se na casa de Nicolau Dechamps, o Padre Alberto Gattone que fora colega de seminário do Padre Carlos.

A capelinha de Belchior serviu, durante muitos anos, aos poucos católicos de Blumenau também,. Ali eles iam cumprir as suas obrigações religiosas, confessar-se e comungar. Pode-se bem imaginar os trabalhos e sacrifícios que essa gente passava para ir do Garcia, do Salto, da Itoupava e de outros pontos já povoados da Colônia até Belchior para assistir missa e sacramentar-se.

Belchior, como todos sabem, fica a uns 8 quilômetros de Blumenau e a capelinha ficava do outro lado do rio, mais ou menos em frente à grande figueira da estrada entre a nossa cidade e Gaspar. Os pobres colonos tinham que atravessar grande trecho de mato e depois de penosa caminhada, ainda transpor o rio em frágeis canoas.

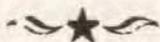
Mas, já em 1864, portanto 3 anos depois da chegada do Padre Gattone a Belchior, os católicos de Blumenau construíram uma capelinha, também em parte de palmitos, exatamente no local em que hoje está a

nossa suntuosa matriz, obra de Frei Braz, que, em breve estará por aqui novamente, em visita à sua antiga paróquia. E a 25 de janeiro seguinte, veio o Padre Gattone rezar a primeira missa nessa capela. A missa foi solene, porque aquele era o dia de São Paulo, a quem a capelinha fora dedicada. E daí em diante, uma vez por mes, os católicos de Blumenau tinham com eles o vigário de Gaspar que, quase sempre, se hospedava na casa de Augusto Sutter, para desobrigá-los de seus compromissos para com a sua Fé.

O Padre Gattone era muito zeloso e cumpridor dos seus deveres, muito cioso das suas prerrogativas de ministro de Deus e de uma religião que, naquele tempo, estava ligada ao governo. Era a religião do Estado, ou oficial. Os padres recebiam ordenado dos cofres públicos, além de cobrarem, naturalmente, uma pequena espórtula pelos casamentos, batizados e enterros. Por isso mesmo, o Padre Gattone entrou logo em desentendimentos com o Dr. Blumenau. Não gostou da vinda do pastor protestante, Osvaldo Hesse, contra o qual não se cansava de fazer propaganda. Também entendia errada a prática, adotada pelo dr. Blumenau, de enterrar os mortos da sua povoação num único cemitério, sem indagar se os mesmos eram católicos ou protestantes. O padre Gattone exigiu que houvesse separação e foi quando se começou a enterrar os defuntos católicos atrás da capelinha, formando-se, ali, o campo santo que só foi arazado e transferido para o local em que se acha atualmente, na rua São José, na segunda década deste século. Ele e o Dr. Blumenau andavam quase sempre às turras. O Dr. Blumenau, em matéria de fé, era excessivamente tolerante. O Padre, como bom sacerdote alemão, era intransigente. Ou se era católico, ou não se tinha salvação.

Contudo, o Padre Gattone foi um verdadeiro apóstolo. Não se importava com perigos e dificuldades quando se tratasse de exercer o seu ministério. Por isso, foi com verdadeiro sentimento de pena que a população da Freguesia que ele criara, o viu transferido para a paróquia de Brusque, para onde mudouse a 21 de maio de 1867, depois de ter rezado, na matriz por ele construída, a derradeira missa e, numa prática sentida, despediu-se dos seus paroquianos. O padre Gattone teve defeitos, como homem e como sacerdote. Mas, certamente, teve virtudes que superaram de muito os seus defeitos.

Com o seu zelo, a sua autoridade e o seu exemplo muito correu para o aperfeiçoamento dos costumes e da vida dos primeiros colonos de Gaspar e de Blumenau.



Por Alvará de 2 de março de 1730 é que foi criada a Vigararia Colada de Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis), sendo no meado seu vigário o Padre Estevam Simões Manso.

Estante Catarinense

CARLOS BRAGA MUELLER

SANTA CATARINA NAS GUERRAS DO URUGUAI E PARAGUAI

- Alnte. Lucas A. Boiteux - Edição da Imprensa Universitária UFSC - agosto 1972.

Com a supervisão editorial do Prof. Walter Piazza, vem a lume um livro muito interessante: um livro que destaca a participação de Santa Catarina, então província, nas sangrentas guerras do Uruguai e do Paraguai.

A obra inicia com uma bio-bibliografia do autor, com dados coligidos pelo seu filho, Alnte. Yan Demaria Boiteux. De saudosa memória, tendo falecido em 1966, justificou-se a publicação póstuma de seu livro, com a supervisão editorial de Walter Piazza, pois Lucas Boiteux foi um apaixonado da história catarinense.

Quando escreveu a obra, em 1940, explicava o autor que «Em tempo comecei a escrever a «História Militar do Estado de Santa Catarina, meu muito querido cêspede natal. Com o fito de auxiliar os estudiosos dos nossos feitos guerreiros ao sul do continente, resolvi reunir nestas páginas singelas as notas, documentos e retratos alcançados para escrever e ilustrar o capítulo do meu trabalho referente às sanguinosas campanhas do Uruguai e do Paraguai. Penso assim prestar pequeno serviço aos garimpeiros do nosso glorioso passado e uma simples, mas mui sincera, homenagem àqueles que com os olhos d'alma na «Santa terrinha», selaram com seu generoso e nobre songue o triunfo do Brasil. Lucas Alexandre Boiteux, Contr'Almirante - Rio de Janeiro, 23-out-1940».

Essa apresentação do livro diz tudo. O amor do militar e homem de letras pela sua «santa terrinha», como se referia sempre ao Estado de Santa Catarina, segundo Walter Piazza.

Capa de Hassis e desenhos de Fossari, além de muitas fotos históricas e reproduções de documentos da época a que se reporta, completam o alentado trabalho do Almirante Boiteux, em tão boa hora editado.

ESTUDO SOBRE BARROCO (Tendências artísticas da América Colonial), de Sara Regina Silveira de Souza - Imprensa Universitária - UFSC - 1973

A autora é professora de História da Arte e História Geral da

Universidade Federal de Santa Catarina.

Como ela mesma explica, desde o tempo em que cursava aquela Universidade, seu interesse foi despertado para o verdadeiro valor da nossa arte colonial: a arte barroca no Brasil. Ensaiou, então, os primeiros passos de um pequeno estudo sobre o barroco. E foi como professora que Sara Regina sentiu a dificuldade dos alunos em possuir uma visão geral da Arte Colonial da América Latina. Faltava bibliografia.

Resolveu, então, aprimorar o seu estudo original, apresentando-o em forma de livro, destinado não só aos alunos de História de Arte, mas a todos os que se interessam pela arte de um modo geral.

A autora, neste seu livro de estréia, dividiu a obra em vários capítulos.

A apresentação é do Prof. João David Ferreira Lima, ex-Reitor da Universidade Federal do Estado.

Seguem-se os seguintes tópicos, por ordem: Considerações sobre o barroco, o Barroco e a arte colonial Latino Americana, As missões Jesuíticas, a Arte Colonial Brasileira. A arquitetura colonial dos «Sete Povos» e o desenvolvimento do barroco no Brasil.

Sara Regina explica em seu livro que «desconhece-se a verdadeira origem do nome barroco. Sabe-se, entretanto, que toda a sua significação baseia-se na idéia de irregularidade e de ornamentação excessiva». E mais adiante: «Como expressão dos valores humanos, o barroco nasceu da «angústia». Surgiu na época do absolutismo, dos descobrimentos, das relações com o Oriente e da Reforma protestante de Martin Lutero. Tudo isso veio abalar a antiga estrutura medieval. O homem havia perdido a paz e essa angústia revela-se na sua manifestação artística».

A capa do livro, do desenhista Fossari, é de muito bom gosto: sóbria e incisiva, mostrando um exemplo típico da arte barroca. Na parte final, a obra vem enriquecida com uma série de desenhos de Rute Medeiros e fotos do barroco, não só do Brasil, mas da América Latina em geral.

Uma edição a ser lida e consultada.

E que veio trazer valiosos dados, antes esparsos, sobre uma arte tão significativa.

NOMES QUE AJUDARAM A FAZER SANTA CATARINA

- de Jali Meirinho e Theobaldo Costa Jamundá — Edições EDEME - 1973.

Dentro do esquema editorial catarinense, esta é mais uma obra

de imprescindível valor.

Trata-se do primeiro volume de uma série (que esperamos, prosiga), enfeixando várias biografias de ilustres catarinenses, que ajudaram a fazer a nossa história. Quando dizemos catarinense, isto não implica em que os biografados aqui tenham nascido: eles o são ou o foram de coração, porque dedicaram suas vidas ao progresso do nosso Estado.

O livro contém 30 biografias, entre elas as de Luiz Delfino, Afonso Taunay, Lauro e Fritz Mueller, Jorge Lacerda, Nereu Ramos, Anita Garibaldi, Felipe Schmidt, e assim por diante.

Naturalmente, num primeiro volume, onde apenas estão enfeixadas 30 biografias, não seria possível satisfazer a todos. Um colunista do jornal «O Estado», queixava-se, há dias, de que não haviam incluído uma ilustre figura da nossa história, ligada a Florianópolis. Mas também Hermann Blumenau, o homem que implantou uma das mais sólidas estruturas sociais de Santa Catarina, ainda não teve sua biografia destacada na série. Esperemos a 2ª. edição. Ela virá com novas figuras, com nomes ilustres, com gente que ajudou a fazer a nossa história.

Cabe, finalmente, algumas rápidas considerações sobre o aparecimento do livro: conforme explica Carlos Humberto Correa, Diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Governo do Estado, o «Boletim de Noticias Culturais» daquele órgão vinha publicando, periodicamente, biografias de pessoas ligadas à história de Santa Catarina. Surgiu, então, a ideia de reunilas num volume (ou em mais, como o será). Os autores, Jali Meirinho e Theobaldo Costa Jamundá são, respectivamente, Diretores das Divisões de Ciências e Letras do Dept^o. de Cultura da Secretaria. E o titular do Departamento, Carlos H. Correa, igualmente escritor, desta feita transforma-se em ilustrador. São de sua autoria todas as ilustrações dos biografados. Capa desenhada por Laercio Costa. Obra que merecia ser incluída no currículo escolar do Estado, pela importância do seu conteúdo.



Por ato datado de 19 de outubro de 1791, Manoel Soares Coimbra, governador da Capitania de Santa Catarina, nomeou Bartolomeu de Quadros no posto de alferes das Esquadras Auxiliares do Distrito da Enseada de Itapocoroia, de que era comandante Jacinto Jorge dos Anjos «por concorrerem nele as circunstâncias necessárias e ter servido no posto de sargento das ordenanças do sobredito distrito e por estarem os moradores de Itapocoroia «distantes do Desterro mais de dois dias de viagem e mais de um da do Rio de São Francisco e achando-se eles por esquadras de que foi comandante o alferes falecido Xisto de Quadros Araújo, de agregados da força de Ordenanças da mencionada Vila de São Francisco, nunca a essa vão».

UM BLUMENAUENSE COM AS QUATRO ESTRELAS DE ALMIRANTE

Prof. Dr. Herbert Koch

Quando eu, em 1917, assumi a direção da Escola Alemã de Blumenau, vieram cumprimentar-me não apenas os senhores Blohm, Schrader, Koehler e outros, membros da Diretoria, mas naturalmente também os professores Böttner, Drawin, Zimmermann, visivelmente curiosos sobre qual seria a orientação e o comportamento do seu novo chefe.

Muito logo, porém, entrou a reinar um perfeito entendimento entre todos e o funcionamento do estabelecimento continuou com a sua regular eficiência até que veio o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha e a consequente declaração de guerra.

Entretanto, sempre mantive cordiais relações de amizade com o professor Zimmermann, não apenas porque ele morasse na rua 15 de Novembro, exatamente diante da minha residência, mas também porque os seus dois filhos, Júlio e Gerda, brincavam, preferentemente com os meus dois e, muito especialmente, porque aprendi a ver nele muito calor humano e muito saber.

Dai é fácil de compreender porque eu atraí-o do seu «dolce far niente» obrigatório para São Paulo onde me fora confiada a direção da grande Escola Olinda.

E quando, em 1923 eu deixei a minha permanência de dez anos na América do Sul, Zimmermann

teve e aproveitou muitas oportunidades de tornar-se figura indispensável ao diretor Dr. Hoch, que me substituiu na direção daquela Escola. Em 1927, ele também regressou para a Alemanha, já depois de sua esposa lhe ter dado mais dois filhos, Armin e Liesa.

Devido à sua grande experiência foi-lhe dado posto destacado como dos mais experimentados acessores do «Instituto de Preparação de Professores no Exterior» («Institut zur Ausbildung von Auslandlehrern») em Hamburgo, entretanto, um mal súbito impediu que isso se realizasse imediatamente. Assumiu, então, a direção da grande Escola Popular em Borna, perto de Leipzig, cargo que deixou para ser reitor da renomada escola de Leipzig-Kohnnewitz, o que bem demonstra o prestígio que alcançou junto às autoridades alemãs do Ensino.

Como a grande maioria dos seus colegas ele se filiou, também, em 1933 ao Partido Nazista que aproveitou os seus conhecimentos designando-o Inspetor Geral de Ensino em Leipzig. Com a derrocada do regime ditatorial de Hitler, em 1945, Zimmermann foi incluído entre os numerosos elementos que o regime comunista mandou para os campos de concentração, dando-lhe oportunidade de pensar maduramente sobre a sua contribuição ao «Terceiro Reich». Foi solto gravemente enfermo e faleceu a 16 de janeiro de 1952, em Flensburg.

No ano de 1924, o cruzador alemão «Von de Tann» ancorou no porto paulista de Santos e entre as centenas de pessoas que participaram, alegres e satisfeitas da recepção, encontrava-se o Professor Zimmermann com os seus dois filhos, dos quais o mais moço, com então 7 anos de idade. Armin, sentiu-se, desde aquele acontecimento, inclinado a ser oficial de marinha. Assim, em 1937, com 20 anos de idade, entrou para a marinha de guerra alemã, saindo tenente em 1939, ajudante de ordens de um almirante, comandante de flotilha de caça-minas e que foi mais tarde inspetor geral da Marinha, Frederico Ruge que é, ainda hoje, professor honorário da Universidade de Tuebingen.

Posteriormente, Zimmermann costumava dizer a seu respeito: «Ele ensinou-me a trabalhar com raciocínio». Também Zimmermann esteve sempre encarregado de minas, barcos de borracha e navios de limpeza sob seu comando.

Depois de 1945 ele dirigiu, sob a fiscalização dos ingleses,

uma flotilha de caça-minas no Mar do Norte e, em 1961, foi nomeado comandante de uma divisão de caça-minas da República Federal. De 1963 a 1965 foi chefe do Estado Maior junto ao comando da Nato. Depois de exercer várias outras comissões nas Forças Armadas Alemãs e em seu Estado Maior, foi nomeado adido naval junto à Embaixada Alemã em Londres. A 1.º de abril do ano passado, com a transferência, para a reserva, do Inspetor Geral das Forças Armadas Alemãs, General de Maiziére, o almirante Armin Zimmermann substituiu-o nesse alto cargo militar. Foi o primeiro oficial de marinha a chegar a posto de tão alta responsabilidade e em virtude do qual ele passou a ostentar em seu uniforme as quatro estrelas que lhe conferem também o generalato.

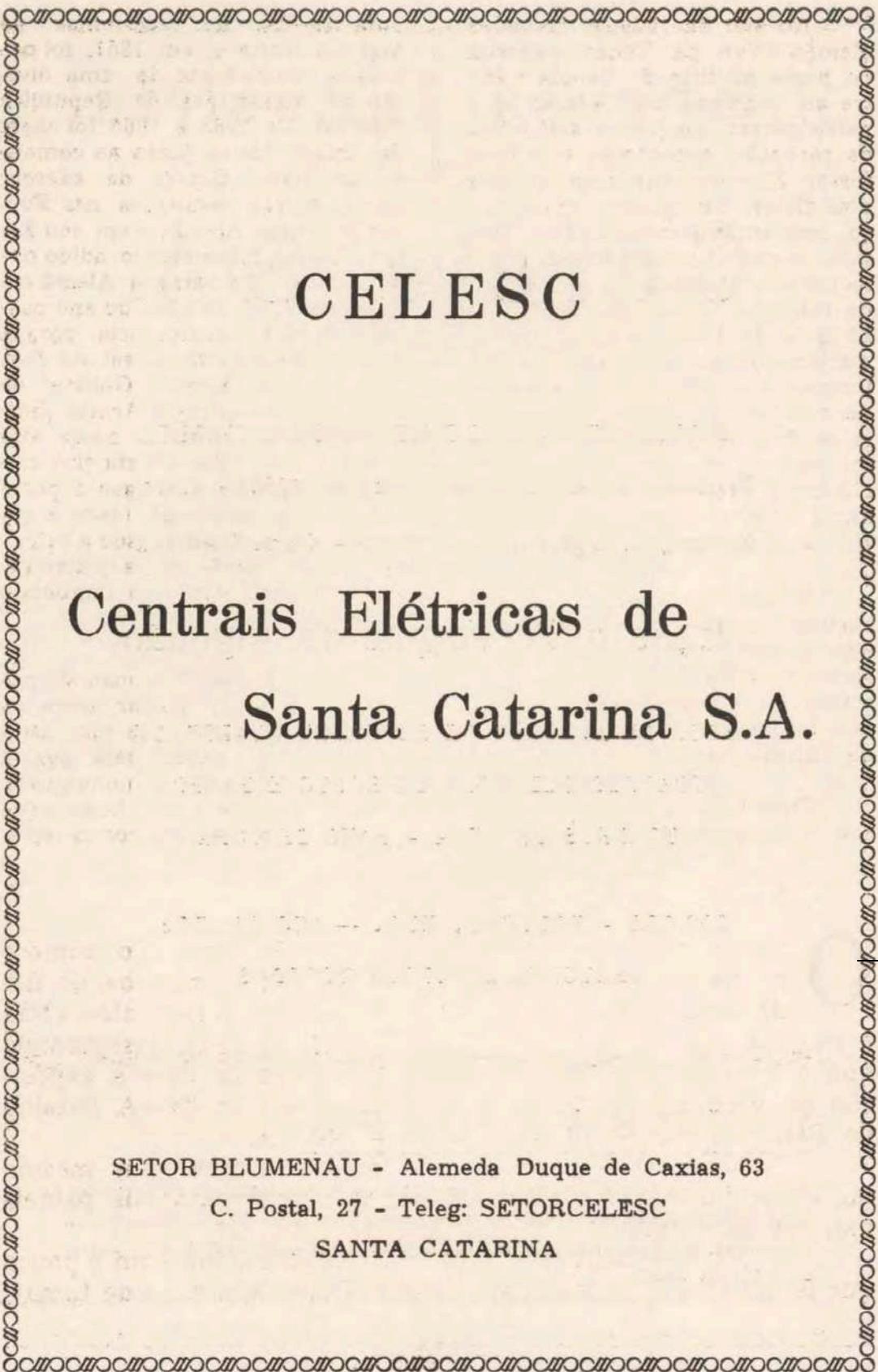
Nascido em Blumenau ele pode, com justiça, figurar entre os filhos dessa cidade que tem dado enorme contribuição pela paz e bem estar de toda a humanidade e especialmente pelas boas relações entre todos os povos da terra.



O pintor catarinense Victor Meirelles publicou, no número de 22 de maio de 1873, do «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, (há cem anos atrás, portanto), o seguinte: «Não é exata a notícia dada pelo jornal «A República» assegurando que o governo resolveu-se finalmente a mandar para a exposição de Vienna dAustria os meus quadros a óleo da «A Batalha do Riachuelo» e da «Passagem de Humaitá».

Nada há a tal respeito e, quanto a mim nem mesmo me empenho nem me interesso em que apareçam tais painéis naquela exposição.

Na obscuridade em que vivo contento-me com o pouco que tenho obtido no meu país. (Ass.:) Victor Meirelles de Lima».



CELESC

Centrais Elétricas de
Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - Alameda Duque de Caxias, 63
C. Postal, 27 - Teleg: SETORCELESC
SANTA CATARINA

Empresa Industrial

Garcia S/A.

BLUMENAU - ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906 — Garcia

Endereço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E BANHO

TOALHAS DE MESA - PANO DE COPA

LENÇOS - ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS

A NOSSA CAPA

A igreja matriz da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis) em 1862. (De uma gravura do livro «Reise durch Sued Amerika», de J. J. von Tschudi, diplomata suíço que visitou S. Catarina naquele ano).

Impresso na Tipografia Centenário de Timbó Ltda. - Timbó - SC